

"FAMÍLIAS DE IMIGRANTES PORTUGUESES NA METRÓPOLE DE SÃO PAULO: TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS"

*Zella de Brito Fabri Demartini**

Resumo: Focalizamos os imigrantes portugueses e suas famílias que vieram para São Paulo no início deste século. Tentamos visualizar como se configurou o processo migratório, as trajetórias das famílias, as vivências das diferentes gerações e a questão da identidade, entre outras, neste contexto em que os imigrantes portugueses aparecem em vários estudos como um grupo quase "invisível" que se agrega à população local.

Abordamos de modo especial o campo educacional, procurando evidenciar como as relações estabelecidas pelos imigrantes portugueses e suas famílias em São Paulo não parecem se assemelhar ao que já constatamos entre outros grupos de imigrantes em suas vivências na metrópole paulistana.

Palavras-Chave: Imigração portuguesa, São Paulo, Família e imigração.

Sempre que se faz referências à Primeira República histórico e especialmente à cidade de São Paulo, a presença de estrangeiros é mencionada e a incorporação dos mesmos como objeto de reflexão é importante para a compreensão dos problemas abordados. Entretanto, é preciso anotar que os imigrantes portugueses praticamente são ignorados enquanto estrangeiros, surgem como um grupo quase "invisível" que se agrega à população. Não sabemos até que ponto esta "invisibilidade" do imigrante português, que pode ser atribuída aos traços físicos e culturais em grande parte semelhantes aos dos paulistanos "tradicionais" também não "contaminou" os estudos históricos e sociológicos sobre este período. O fato é que, embora constituindo uma parcela grande dos imigrantes, pouco se fala sobre os mesmos nos estudos realizados sobre a 1ª República.

Torna-se importante, assim, aprofundar o estudo sobre as famílias que vieram para São Paulo durante a 1ª República, para podermos melhor entender as vivências e estratégias deste grupo no contexto desta cidade que passava por rápidas e profundas transformações.

Em primeiro lugar, é preciso observar que neste período considerado os portugueses entraram no estado de São Paulo em número relativamente elevado, chegando a superar a entrada de algumas correntes fortes de imigração como as dos imigrantes italianos, espanhóis e japoneses se considerarmos o período de 1910 a 1929, como se pode observar pelos dados abaixo:

ESTRANGEIROS ENTRADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO (principais nacionalidades)

NACIONALIDADE	PERÍODO		TOTAL NO PERÍODO
	1890-1909	1910-1929	
portugueses	116.108	246.048	362.156
italianos	604.877	180.612	785.489
Espanhóis	175.518	199.140	374.658
Japoneses	825	84.278	85.103

Fonte: Departamento de Imigração e Colonização - Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo - I.C.C. Estatística de Imigração

Sabe-se que a maior parte daqueles que para cá vieram neste período estavam em difícil situação econômica em Portugal, que passava neste período por graves crises que atingiam fortemente as populações rurais. Segundo LOBO (1994), a abolição de antigos vínculos feudais e a restrição do livre uso dos pastos e terrenos baldios, que facilitaram a exploração rural capitalista, provocaram a decadência do padrão de vida dos pequenos proprietários rurais e de mão-de-obra do campo, que não podia mais praticar suas culturas de subsistência.

* CERU/USP - FE/UNICAMP

Neste contexto, a imigração para o Brasil foi não só o caminho encontrado pelas famílias para resolverem seus problemas de sobrevivência, mas também uma saída para o Estado português, como foi bem analisado por alguns autores (MONTEIRO, 1994).

De qualquer forma, este fluxo atendia tanto aos interesses econômicos portugueses, como aos interesses paulistas, em especial às demandas do setor agrário, tão ressaltadas em vários estudos. (PETRONE, 1977; PESTANA, 1923; SILVA, 1960; MILLIET, 1939)

Neste período, entretanto, não foram só as fazendas do interior (e a cidade do Rio de Janeiro) que atraíram os imigrantes portugueses: a cidade de São Paulo exercia, por seu desenvolvimento perceptível, forte atração sobre os imigrantes de vários grupos, como já se constatou em vários estudos. (DEMARTINI, 1989; FAUSTO, 1976; 1991)

Para muitos estrangeiros era aí que poderiam exercer melhor as habilidades ou profissões praticadas pelos mesmos ou por suas famílias nos países de origem, visto que o mercado de trabalho estava em grande expansão dada pelo comércio diversificado, serviços para atendimento da população que crescia em ritmo intenso (64.934, 239.820 e 579.033 habitantes nos anos de 1890, 1900 e 1920, respectivamente) (LOWRIE, 1982) e pela industrialização que requeria também mão-de-obra, até especializada. Se as fazendas de café exerciam uma atração forte pelas facilidades das políticas de imigração e pelas perspectivas de possibilitar aos olhos dos imigrantes a aquisição de terras após alguns anos de trabalho (muitos o fizeram) (MURALHA, s.d.), em São Paulo podiam contar com um mercado de trabalho mais diversificado e usufruir serviços que naquele período eram extremamente precários no interior (educação, saúde etc.), especialmente para populações rurais. (DEMARTINI, 1980)

Não entraremos aqui numa caracterização detalhada deste mercado, mas apenas reiteraremos o fato de que São Paulo neste período já competia com o Rio de Janeiro em termos comerciais e industriais.

Etapas desiguais marcaram o crescimento industrial paulista, devido a fatores esporádicos. Na fase que se poderia denominar fim do século 19, faz-se necessário assinalar que nos primeiros anos da República a inflação monetária, aliada ao operariado abundante, contribuiu para incrementar a riqueza industrial do estado. Também a baixa cambial fez com que os produtos importados ficassem caros, incentivando a sua produção dentro do país. A violenta crise financeira de 1897 e 1900 desmantelou algumas empresas, as mais improvisadas, mas as que sobreviveram a ela se reestruturaram e puderam se expandir.

De acordo com Warren DEAN (s.d.) os primeiros produtos fabricados em São Paulo, até 1920, eram artigos volumosos e de valor baixo, com matérias primas locais ou, poucas, importadas. Nessa fase inicial, o setor industrial era marginal dentro da economia orientada para a exportação, pois o empresário paulista só produzia bens de consumo mais simples e mais baratos e, portanto, se estabelecia uma relação direta entre os artigos de má qualidade e a indústria nacional.

Roberto SIMONSEN (1973) mostra que, se em 1850 se contava em São Paulo com pouco mais de cinquenta estabelecimentos industriais - a maior parte dos quais salineiras - em 1907 o censo industrial organizado pelo Centro Industrial do Brasil já apontava a existência de 3.250 estabelecimentos (326 em São Paulo), cuja produção assim se distribuía: produtos de alimentação, têxteis, de vestuário e objetos de tocador, produtos químicos e análogos, além de outros produtos industriais. Nessa ocasião São Paulo ocupava o segundo lugar da produção industrial do país, com 16%, após o Rio de Janeiro, que se responsabilizava por 30%.

Na época da guerra, estando as grandes potências ocupadas com o esforço bélico e tendo sido interrompido o transporte marítimo, tornou-se necessário o auto-abastecimento interno. Criaram-se novos ramos de atividade, ao lado do desenvolvimento fabril e se obtiveram novas matérias primas para a indústria manufatureira. A expansão de São Paulo deu-se não só quantitativa, mas qualitativamente. O recenseamento de 1920 já mostrava uma inversão de posições, ocupando esse estado o primeiro lugar (32% da produção brasileira) e o Rio, o segundo (21%). O número de estabelecimentos industriais já tinha atingido 4.145, sendo que o Distrito Federal crescera somente de 662 para 1.542 (idem). Predominam ainda as indústrias de artigos para consumo imediato, como produtos de alimentação e vestuário. De acordo com Azis SIMÃO (1966), o número de estabelecimentos industriais paulistas em 1930 já havia atingido a cifra de 5.388. O número de operários também cresceu rapidamente: 83.998 e 119.296, em 1920 e 1930, respectivamente.

Com esse crescimento aumentou consideravelmente a população e mudou a paisagem urbana, constituindo-se a Grande São Paulo ou região metropolitana. A paisagem urbana foi, então, caracterizando-se pela formação de bairros mistos (industriais, residenciais e comerciais), com a presença de ferrovias, alta concentração humana, tráfego intenso de pessoas nos horários de entrada e saída das fábricas, movimentando-se a pé ou em bicicletas, ônibus, bondes e caminhões, vendedores ambulantes (principalmente de comida) e a sordidez das habitações, típica das grandes metrópoles.

Como conseqüência desse grande crescimento, desenvolveram-se em torno da cidade de São Paulo novos aglomerados urbanos (Santo André, São Caetano, Santo Amaro e Osasco) e se fez necessário descentralizar a administração em diversos municípios. As regiões rurais intermediárias entre esses aglomerados foram "tomadas", aos poucos, pela expansão dos mesmos. O crescimento de São Paulo deveu-se, além do desenvolvimento industrial, a outros fatores, como o desenvolvimento do estado que lhe assegurou a liderança dentro do país, ao desenvolvimento da função comercial e à preeminência político-administrativa.

Certamente todos estes elementos tiveram importância nos destinos da imigração portuguesa, e no grande afluxo verificado nas décadas iniciais deste século também para esta cidade. Aos olhos do imigrante português, poderia ser um bom "espaço" de destino. É preciso lembrar que segundo alguns autores, para estes imigrantes que vinham para o Brasil, "a cidade, e não o campo, parecia capaz de realizar os seus desejos de autonomia e enriquecimento. Expulsos do campo e vindos de regiões pauperizadas, como bem demonstrou Ann Marie Pescatello, na sua tese de doutoramento intitulada "Both ends of the journey: an historical study of migration and change in Brazil and Portugal, 1889-1914" (Universidade da Califórnia, 1970), a busca da autonomia guiava os seus atos. Na nova terra, a América, despojados dos seus laços históricos, ambicionavam fazer fortuna e adquirir propriedade. No seu país, eram expropriados; no Brasil, viam a venda da sua força de trabalho como elemento que lhes permitiria poupar e acumular. O trabalho morigerado seria a forma que lhes era acenada para participarem da riqueza e atingi-la". (RIBEIRO, 1990)

É preciso lembrar que a população paulistana neste período era constituída por pessoas de mais diversas origens. Por volta da realização do Censo de 1920, que tentou captar as características da mesma, pode-se perceber como era bastante elevada a participação dos estrangeiros no conjunto da população: *"do total de 579.003 habitantes, 205.245 (35,4%) eram estrangeiros. Se agregarmos a esse grupo os filhos de estrangeiros, teríamos uma população de imigrantes vivenciando experiências e tradições culturais diferentes bem mais significativa"*. (DEMARTINI, 1989)

Já chamamos a atenção em outros estudos para a complexidade das relações que se estabeleceram na sociedade paulistana neste período, em que conviveram pessoas recém-chegadas de vários países da Europa e do Japão com as famílias nacionais constituídas por brancos e negros, estes em sua maioria recém saídos da escravidão. Não é possível, a nosso ver, fazer separações na população a partir de critérios rígidos e definidos *a priori*, como cor (brancos, negros e amarelos), nacionalidade (brasileiros e diversas outras nacionalidades) e outros, pois a realidade implicava em relações multifacetadas. Já constatamos em outros estudos como negros se aproximavam de italianos e de outros negros (DEMARTINI, 1989b); japoneses conviviam com famílias e instituições brasileiras (DEMARTINI, 1996b); judeus conviveram com católicos, que os auxiliaram a criar algumas de suas instituições na cidade (DEMARTINI, 1989c). É esta multiplicidade de presenças e a diversidade de relações que vão estabelecendo ao longo dos anos que é preciso explorar para que se possa melhor compreender a realidade analisada.

Assim, a riqueza do estudo de famílias portuguesas que chegaram neste período é dada pela possibilidade que coloca aos pesquisadores de abordar sua inserção em uma sociedade em processo de rápida transformação com a participação de grupos sociais de origens muito distintas.

Se pensarmos nas colocações de José de Souza MARTINS (1993) sobre "a chegada do estranho" e as implicações desta situação para os que chegam e os que já estavam há mais tempo em um espaço dado, podemos pensar nos vários "estranhos" e "estranhamentos" ocorridos neste período. Poder-se-ia até pensar que todos se tratavam de alguma maneira como "estranhos": os brancos nacionais, tendo que conviver com levadas sucessivas de imigrantes de todos os lugares do mundo e com negros livres; os negros ainda com o peso de três séculos de escravidão, convivendo pelo menos como mão-de-obra potencial com europeus livres, e com relação aos portugueses, com seus ex-colonizadores (ou ainda colonizadores em suas regiões africanas de origem); os imigrantes europeus, com povos de terras distantes como o Brasil, descendentes de índios "antes" até considerados sub-humanos; os orientais, com pessoas de traços e culturas totalmente diferentes. Havia ainda os migrantes nacionais, que para cá já se dirigiam em grande número.

Se o imigrante português podia, grosso modo, ser considerado no conjunto dos imigrantes europeus, ele trazia para os aqui residentes marcas diferenciadas: a de ex-colonizador¹, que se procurava talvez rechaçar,

¹ Os conflitos ocorridos neste período, implicando até no rompimento diplomático com Portugal, dão indicações nesta direção (Lobo, E.M. - 1994). Também são interessantes os trabalhos de Fausto, B. - 1984 e Ribeiro, G.S. - 1990 sobre os preconceitos que acompanhavam o imigrante português.

mesmo que simbolicamente, mas também a do povo que contribuiu com seus traços físicos e culturais para a formação das chamadas "tradicionais famílias paulistanas" e o "povo brasileiro", de modo geral. Não se pode deixar de aventar a hipótese de que, mais do que para outros grupos, "ser imigrante português" em São Paulo implicou em serem vistos (sentidos) pela população local (nacional e outros estrangeiros) e por eles próprios de maneiras diversas e ambíguas, implicando em cotidianos tensos, conflitivos e contraditórios.

O objetivo geral desta pesquisa que estamos desenvolvendo é analisar o processo de construção de novas identidades de famílias de portugueses e seus descendentes que vieram para a região metropolitana de São Paulo nas primeiras décadas deste século, trabalhando em atividades industriais, comerciais e serviços em geral e apreender as representações de integrantes destas famílias sobre seus cotidianos, as vivências e estratégias que desenvolveram ao longo deste século especialmente com relação aos campos econômico, educacional, religioso e político, no contexto da pluralidade de grupos sociais e das transformações ocorrentes na área metropolitana. Conhecer as instituições ligadas às famílias portuguesas e seu funcionamento e estruturação neste período também é objetivo deste estudo.

Não conhecemos ainda todas as possíveis fontes de pesquisa com que poderíamos contar para o desenvolvimento deste sub-projeto. Mas, pelas informações coletadas até o momento e pela experiência decorrente dos vários estudos que realizamos sobre este período da Primeira República, é possível pensar na pertinência do trabalho com diferentes fontes também para este.

Pela natureza da temática abordada e pelas indagações formuladas, optamos por um certo privilegiamento às fontes orais, com incorporação das demais fontes para a explicitação e aprofundamento das questões ao longo do processo de pesquisa. Estamos interessados especialmente nas representações de diferentes personagens que constituíram estas "famílias de origem portuguesa" que chegaram a São Paulo neste período, suas diferentes vivências nos vários campos e as trajetórias que desenvolveram ao longo deste século, assim como as instituições a que se vincularam no contexto paulistano. Neste caso, os relatos orais destes personagens tornam-se fonte indispensável e privilegiada do estudo, embora também se pesquise com empenho as fontes escritas (documentos de arquivos públicos, de arquivos de instituições, jornais, censos, literatura etc.), assim como iconográficas (fotos de arquivos, de livros, dos próprios entrevistados).

Em virtude da escassez de estudos sobre a educação entre imigrantes portugueses em São Paulo, trataremos aqui de algumas observações que a pesquisa recorrendo a fontes diferenciadas tem permitido aventar. Constituem portanto uma primeira aproximação a este tema que se tem configurado para nós, como uma problemática instigante; pretendemos evidenciar como as relações estabelecidas pelos imigrantes portugueses e suas famílias em São Paulo não parecem se assemelhar, em grande parte, ao que já constatamos entre outros grupos de imigrantes neste mesmo contexto (DEMARTINI, 1997). Para discutir algumas destas especificidades, pautando-nos na análise de publicações do próprio grupo, em documentos oficiais sobre a imigração e também em material por nós coletado junto à famílias de imigrantes portugueses que chegaram a São Paulo durante este período.

No tocante às publicações, estas nos pareceram importantes para a compreensão do campo educacional, ao evidenciarem a forma como estes imigrantes se referiam ao novo contexto e às relações, sentimentos e representações com relação a Portugal². Verificamos que todas elas se iniciaram em São Paulo no período analisado, que pareceu assim propício à proliferação de publicações de imigrantes portugueses, com diferentes vinculações políticas e interesses: enquanto a "Revista Portugal e Brasil" declarava-se como "Órgão do Centro Republicano Português", totalmente contrária à monarquia portuguesa, as demais não pareciam querer assumir declaradamente o apoio à Monarquia, embora este possa ser percebido nas entrelinhas, especialmente em "A Bandeira Portuguesa". Sabemos que neste período considerado a situação política no Brasil passava por grandes mudanças e tensões, a nova experiência republicana colocava aos cidadãos novas demandas, especialmente em um país também recém saído da escravidão. Entretanto, nenhuma das publicações analisadas faz qualquer referência ao Estado brasileiro, suas especificidades e problemas enfrentados neste período de forte nacionalismo; todos se referem à Pátria Portuguesa, "a nossa pátria", criticando os atos do governo monárquico, propondo medidas que poderiam fortalecê-lo, ou, ao contrário, propondo sua extinção. Para os que escreviam, o fato de estarem no Brasil não os diferenciava

² Não foram muitas as localizadas, embora se saiba que outras tivessem existido. Assim, conseguimos alguns raros exemplares de: "Echo Portuguez" (1897), "O Gaíato" (1905), "A Bandeira Portuguesa" (1908), "Revista Portugal e Brasil" (1908) e "Revista Portuguesa" (1929).

da população residente em Portugal quanto aos interesses pelos destinos deste último país, único a lhes preocupar.

A imagem do Brasil nestes órgãos da "colônia" portuguesa era a do "outro" com o qual esta não se identificava, era o "povo irmão", o "país grande" que os acolheu e no qual podiam melhorar de vida, mas não "sua pátria". Os imigrantes portugueses se relacionavam com Portugal enquanto "cidadãos portugueses" e o ressentimento por não serem sempre entendidos e aceitos como cidadãos portugueses que lutam pela pátria também é expresso em várias publicações. Em nome da colônia portuguesa residente em São Paulo, considerada por muitos como "não ilustrada", os jornalistas demandavam assim atenção do governo português, que, como eles próprios assinalavam, não estava conseguindo resolver os problemas em seu próprio país. Entretanto, mais que aguardar um apoio do governo português, para ajudá-los no Brasil, os imigrantes, ao contrário, tentavam auxiliar o país de origem e a população lá residente. Assim é que no campo educacional, criticavam o sistema educacional português e propunham medidas para melhorá-lo, tanto republicanos como monarquistas. O Órgão do Centro Republicano Português criticava o salário dos professores: *"A ignorancia de Portugal, caros compatriotas, é uma vergonha. Com o fim de a exterminar, a monarchia paga apenas 300 e 400 reais diarios aos professores primarios. (...) É assim que os reaes mandões querem que Portugal siga a marcha civilisadora das nações cultas!"* (Revista Portugal e Brasil, (7):103, 1908).

A Revista Portuguesa noticiava e destacava em 1929, quando a colônia aqui já era numerosa, a criação de uma associação para cuidar da educação em Portugal: *"Aos cinco dias do mês de janeiro de 1925 fundou-se na Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo a Liga Propulsora da Instrução em Portugal. Beneficente lhe tem chamado uns. Altruísta lhe tem chamado todos. Fonte de vida lhe chamaremos nós.(...).* A Liga Propulsora da Instrução em Portugal, que muito deve ao poder criador, ao esforço orientado, à visão clara e à lúcida inteligência de Antônio da Silva Parada, é uma grande obra.(...)." (1929, p. 234)

Para entender este fato, é preciso também observar que grande parte dos imigrantes, quando para cá vieram, não romperam os fortes vínculos familiares. As estatísticas oficiais mostram que a maioria eram homens e vinham sozinhos, deixando mulheres e filhos em Portugal. A preocupação com o país de origem não tinha assim só razões de fundo patriótico-nacionalista, mas concretas na medida em que os familiares lá continuavam morando em situação geralmente precária, necessitando do apoio dos que imigravam. Como já foi muito bem analisado por MONTEIRO (1994), a vontade de retornar (o "mito do retorno"), especialmente no caso da imigração portuguesa, era estimulada pelo próprio governo como forma de garantir o envio dos recursos obtidos pelos imigrantes para suas famílias. Acompanhando este fato de que muitos vieram "avulsos" (53% dos que vieram entre 1908 e 1936), a distribuição dos imigrantes por idade evidencia que a maior parte tinha mais de 12 anos de idade. Era portanto, uma imigração de mão-de-obra em faixa produtiva e daqueles que já deveriam ter tido acesso à escolarização básica em Portugal, em grande parte. Quanto à instrução, a distribuição era mais equilibrada: 57,48% eram analfabetos e 42,52% alfabetizados, indicando que não eram só portugueses sem instrução que entravam no território paulista, mas também que havia muitos analfabetos em Portugal (I.C.C. Estatística de Imigração, 1937). Levando em conta estes aspectos, é possível compreender a especificidade de algumas medidas tomadas pela "colônia" portuguesa em São Paulo, como a criação, em janeiro de 1925, desta citada Liga Propulsora da Instrução em Portugal, cujos objetivos eram bem claros: *"A Liga Propulsora da Instrução em Portugal tem como seus fins principais: cooperar, em nome do princípio da igualdade para pôr ao alcance de todos a instrução primária em Portugal; dotar as aldeias, vilas e cidades do país, começando pelas mais afastadas dos centros principais e pelas menos beneficiadas em relação àquele ensino, com edifícios escolares higiênicos e modernos"* (Revista Portuguesa - 1929 - p. 341). (grifo nosso).

Esta tinha certamente sua razão de ser para os que vieram para o Brasil e já tinham conseguido certos recursos, mas que continuavam estreitamente ligados ao país de origem e preocupados com o sistema educacional precário que atingia grande parte dos imigrantes e seus familiares.

Segundo informações de outra fonte, a Liga construiu "cinco belos edifícios escolares" em Portugal, pretendendo construir outros mais. Para tanto, contou com donativos da colônia portuguesa de São Paulo, que totalizaram em 1925 o montante de seis mil e quinhentos contos de réis, "uma grande fortuna nesse tempo". Não há, infelizmente, qualquer informação sobre em que aldeias ou vilas foram erguidas (80 ANOS, 1992, p. 103). A Liga publicava nas revistas da época apelos para conseguir a contribuição dos compatriotas; na Revista Portuguesa de 1930, por exemplo: *"Quereis concorrer para a educação do vosso conterrâneo? De vosso irmão? De vosso filho? Quereis dotar a vossa aldeia, a vossa terra querida, de um grande e real melhoramento? Quereis colaborar eficazmente na obra de engrandecimento de Portugal? Quereis provar por actos incontestáveis que sabeis ser um cidadão útil à Pátria? Quereis mostrar o amor que tendes à vossa terra, mostrando também a grandeza do vosso*

coração? *Inscrevei-vos, hoje mesmo, na Liga Propulsora da Instrução em Portugal cuja caderneta patriótica é o mais belo atestado de civismo*" (80 ANOS, 1992, p. 103).

Se as grandes propostas eram voltadas para Portugal, encontramos também iniciativas mais pontuais voltadas para as famílias portuguesas residentes em São Paulo. Pudemos constatar que algumas associações criaram escolas, alguns professores mantinham escolas particulares, assim como havia uma atividade cultural em diferenciadas instituições. Não conseguimos até o momento grandes informações sobre as mesmas, mas arrolamos aqui alguns aspectos que julgamos importantes para indicar que a "colônia" portuguesa em São Paulo procurava ampliar sua participação no campo educacional e cultural³.

Ainda em 1912, quando da criação da Câmara Portuguesa do Comércio, há menção à necessidade de se promover aulas para instrução de empregados comerciais e à criação da Escola de Cultura Portuguesa agregada a esta Câmara (80 Anos, 1992, p. 50). Parece que esta iniciativa não foi avante.

Quanto à escolas portuguesas reconhecidas oficialmente com esta marca étnica, só encontramos menção nos documentos oficiais do governo estadual a quatro escolas portuguesas no Anuário do Ensino de 1917, mas sem que houvesse especificação de sua localização, características etc. O quadro abaixo, mostra que eram em número muito inferior ao de várias colônias da cidade.

ESCOLAS NÃO-BRASILEIRAS NA CIDADE DE SÃO PAULO - 1917

Escolas não-brasileiras	Nº de estabelecimentos	Nº alunos
Escolas italianas	49	6.882
Escolas alemãs	37	3.387
Escolas suíças	2	62
Escolas portuguesas	4	304
Escolas francesas	2	399
Escolas norte-americanas	6	1.676
Escolas inglesas	1	185

Fonte: Demartini, Z., 1989.

Há nos jornais já citados algumas indicações de professores e de escolas que publicavam anúncios voltados para os leitores "portugueses". Assim, no Echo Portugues, em 1897: "*Esplicador de mathematica, phisica e chimica. Prepara para o curso annexo e para o curso preliminar da Polytechnica. Informa-se nesta redacção.*" (p. 02).

Na Revista Portugal e Brasil, em 1908: "*Cursos diurnos e nocturnos. Dirigidos por Ferreira de Carvalho (Professor no Gymnasio Sylvio de Almeida e Collegio João de Deus). Habilitação para exames de todas as materias de instrucção secundaria, admissão aos Gymnasios, Escola Normal e Escola de Commercio. Cursos theoreticos e praticos de calligraphia, escripturação e contabilidade comercial. Cursos especiaes de desenho e musica. Rua Riachuelo, Nº 59.*" (p. 103)

De qualquer modo no campo da educação escolar voltada especificamente para os imigrantes portugueses e seus descendentes em São Paulo, os dados parecem indicar que esta recebia menor atenção que a que encontra-

³ As Sociedades Portuguesas de caráter econômico, beneficente e artístico existentes no distrito consular de São Paulo em 1929 eram já numerosas, várias delas realizando atividades culturais: Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo, Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Paulo, Sociedade Portuguesa Vasco da Gama, Caixa Portuguesa de Repatriação, Sociedade protetora dos Portugueses Desvalidos, Liga Propulsora da Instrução em Portugal, Associação Socorros Mútuos Sacadora Cabral Gago Coutinho, Portugal Clube, Clube Português, Centro Republicano Português, Liga Monárquica Dom Manoel II, Grêmio Português de Beneficência, Sociedade Portuguesa de Beneficência, Sociedade Portuguesa Beneficente, Sociedade Beneficente Portuguesa, Caridade Portuguesa Maria Pia, Sociedade Portuguesa de Beneficência Campinas (Revista Portuguesa, 1929, p. 319).

mos entre outros grupos de imigrantes e que aquela manifestada com relação ao sistema educacional para os que estavam na "pátria" (Portugal). Em grande parte, como já vimos, este fato parecia se dever a que os imigrantes deixavam lá seus filhos em idade escolar, em muitos casos. Além disso, quando residentes em áreas urbanas como São Paulo, podiam enviar seus filhos para as escolas públicas, estas já em expansão neste período (SOUZA, 1998; NASCIMENTO, 1999) e também para as escolas católicas das várias ordens religiosas, que atendiam a meninos e meninas, pois o problema da língua não se colocava para as crianças, no Brasil. Em pesquisa realizada com professores que se formaram durante o período considerado, também pudemos constatar que alguns deles eram filhos de imigrantes portugueses que se inseriram no magistério público oficial; suas biografias não indicam qualquer vinculação ou preocupação com a numerosa "colônia" portuguesa existente em São Paulo.

Uma análise sobre as escolas freqüentadas pelas crianças de famílias portuguesas que aqui chegaram ainda durante a 1ª República, por nós entrevistadas na pesquisa em andamento, indicou-nos que muito poucas passaram por escolas particulares "portuguesas", tendo freqüentado geralmente escolas particulares religiosas ou grupos escolares públicos, na cidade de São Paulo, tendo já muitos descendentes da 2ª geração concluído o ensino superior.

Por outro lado, pudemos verificar que alguns imigrantes que tinham uma formação superior obtida em Portugal, desempenharam aqui atividades como professores e responsáveis pela manutenção de escolas particulares, procuradas tanto por portugueses como pela população local. Um caso exemplar é o do Prof. José Marques da Cruz, que tendo se formado em direito pela Universidade de Coimbra, em 1912, dedicou-se em São Paulo quase exclusivamente ao magistério, tanto público como particular. Anti-monarquista, chegou ao Brasil logo depois de formar-se, ainda no final de 1912, com intenções de praticar a advocacia. Não lhe sendo permitido legalmente, começou a lecionar no "Ginásio Macedo Soares" e depois em muitos outros: "Colégio Stafford" (1914 a 1948); "Instituto Mackenzie" (1915 a 1918); "Instituto Ciências e Letras"; "Escola Técnica de Comércio Álvares Penteado" (1919 a 1912); "Escolas da Colônia Portuguesa de São Paulo (onde ensinava gratuitamente), de 1931 a 1936; "Ginásio Oswaldo Cruz" (de que, com os consagrados mestres Colombo de Almeida e Aldelino Leal, foi diretor e fundador, em 1915); "Colégio Pindorama" (1916); "Ginásio Renascença", que também fundou, e "Liceu Rio Branco" (1941) (CRUZ, 1988, p. 32). Também no período de 1921 a 1926 criou um colégio com seu nome, o "Externato Marques da Cruz", por onde passaram paulistas famosos. Consta que, quando lhe sobravam algumas horas de trabalho diário, à noite, tributava-as às "Escolas da Colônia Portuguesa" junto ao Clube Republicano Português, na rua Quintino Bocaiuva. Dava, ainda, aulas particulares a filhos das mais tradicionais famílias paulistas. Lecionando português, latim, história geral, história do Brasil e francês, além de poeta, lançou também vários livros, que tiveram várias edições, já a partir de 1914 (Id ibidem, p. 33-34).

O que se pode verificar até o momento, é que se havia, durante o período considerado, uma preocupação em melhorar a educação em Portugal, havia também imigrantes portugueses inseridos na constituição do campo educacional paulista, criando escolas, exercendo o magistério e participando de associações educacionais. Aprofundar estas questões, parece-nos fundamental.

BIBLIOGRAFIA

- ALVIM, Zuleika M. F. *Brava gente! os italianos em São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BIANCO, Bela Feldman. *Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity, and nationalism among Portuguese Immigrants*. Annals of the New York Academy of Sciences. New York: S. ed., 1992. Vol. 645.
- BIANCO, Bela Feldman; HUSE, Donna. *A saudade da terra na América. memória cultural e experiências de imigrantes portugueses na intersecção de culturas*. (mimeo)
- BOURDIEU, Pierre. *Réponses*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.
- _____. "A propos de la famille comme catégorie réalisée". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, (100), Déc. 1993.
- CAMARGO, José F. de. *Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos*. São Paulo: FFCL/USP, 1952. (Boletim; 153).
- CRUZ, Sérgio M. da. *José Marques da Cruz, o meu pai*. São Paulo: S. ed., 1988.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. "A escolarização da população negra na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século". *ANDE*, São Paulo, 8(14):51-60, 1989b.
- _____. "Nova leitura de velhas questões educacionais". In: Diniz, Eli et al (orgs). *O Brasil no rastro da crise*. São Paulo: ANPOCS/IPEA/Hucitec, 1994. p. 271-288.

- _____. *Observações sociológicas sobre um tema controverso: população rural e educação em São Paulo*. São Paulo: FFLCH/USP, 1980. Tese de doutorado.
- _____. Projeto Integrado "Famílias em São Paulo: trajetórias no pós-guerra". São Paulo: CERU, 10/1997. Vol. 5. Relatório Final. (mimeo)
- _____. *Viagens vividas, viagens sonhadas: os japoneses em São Paulo na primeira metade deste século*. São Paulo: FFLCH/CERU, 1996 (Coleção TEXTOS, série 2, n. 7).
- DEMARTINI, Zeila de B. F.; ESPÓSITO, Yara L. "São Paulo no início do século e suas escolas diferenciadas". *Ciência e Cultura*, São Paulo, SBPC, 41(10):981-995, 1989.
- DIRECTORIA de Terras, Colonização e Imigração do Estado de São Paulo*. São Paulo: D.T.C.O., 1937.
- ECHO PORTUGUEZ: Semanario Portuguez*. São Paulo, anno 1, nº 11, 27 de junho de 1897.
- FAUSTO, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1991. (Série Imigração).
- _____. "Imigração e participação política na Primeira República". In: ENCONTRO Anual da ANPOCS, 18. Caxambu, outubro, 1993.
- _____. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. São Paulo: Difel, 1976. (Coleção Corpo e Alma do Brasil).
- I.C.C. Estatística de Imigração*. São Paulo, Departamento de Imigração e Colonização / Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1937.
- LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer. *Portugueses em Brasil en el Siglo XX*. Madri: Editorial Mapfre, 1994.
- MARTINS, José de Souza. *A chegada do estrangeiro*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MILLIET, Sergio. *O roteiro do café e outros ensaios*. São Paulo: Hucitec/INL-Fundação Pró-Memória, 1982.
- MONTEIRO, Paulo Filipe. *Emigração: o eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta Editora, 1994.
- NASCIMENTO, Terezinha Ap. Q. R. do et al. *Memórias da educação: Campinas (1850-1960)*. Campinas: CMU/UNICAMP, 1999. (Coleção Campiniana; 20).
- 80 ANOS Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo: 1912/1992*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- PAIS, José Machado. "Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana". *Análise Social*, 22(90):7-57, 1986.
- PETRONE, M. Teresa S. "Imigração assalariada". In: HOLANDA, Sérgio B. de (dir). *História geral da civilização brasileira*, 2(3):274-296, 285-286, 1967.
- REVISTA Portugal e Brasil*. S. I., Órgão do Centro Republicano Portuguez, n. 6/7, outubro de 1908.
- REVISTA Portuguesa*. S.I., s.ed., data provável 1929.
- RIBEIRO, Gladys S. *Mata Galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1990. (Coleção Tudo é História ; 129).
- SANTOS, Boaventura de Souza. "A construção multicultural da igualdade e da diferença". In CONGRESSO Brasileiro de Sociologia, 7. Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, setembro, 1995. (mimeo)
- _____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento, 1994.
- SAYAD, Abdelmalek. *L'immigration ou les paradoxes de l'alterité*. Paris: Ed. Universitaires, 1991.
- SEYFERTH, Giralda. "Identidade étnica numa comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí". *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, (24):55-82, 1977.
- SGROI, Emanuele. *Mal di città: la promessa urbana e la realtà metropolitana*. Milano: Franco Angeli, 1997.
- SIRINELLI, Jean François. "A geração". In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marita M. (coords). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- SOUZA, R. F. *Templos de civilização a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- TRINDADE, Maria Beatriz Rocha. *Sociologia das migrações*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- XAVIER, Leonor. *Contributo para a história dos portugueses no Brasil*. Secretaria de Estado de Emigração. (s.d.)